

Ética Aplicada é uma colecção constituída por 12 volumes dedicados a diversos domínios académico-profissionais, que identifica, reflecte e problematiza as principais questões éticas que actualmente se colocam nos diferentes planos da actividade humana, e que exigem não só um pensamento crítico e uma deliberação ponderada por parte dos respectivos profissionais mas também dos cidadãos, como destinatários de toda a actividade profissional. Reunindo a colaboração de personalidades destacadas em cada um dos domínios contemplados, esta colecção dirige-se a seus profissionais e a todos os que não se demitem do exercício de uma cidadania consciente, livre e responsável.

Ética: dos Fundamentos às Práticas apresenta um núcleo de conceitos amplo, rigoroso e sólido, que estabelece uma terminologia comum e adequada ao estudo da acção; um conjunto de teorias diferentemente estruturadas, enquadrando diferentes perspectivas e partindo ou visando diferentes intencionalidades ou princípios, que oferecem sistemas explicativos unitários e coerentes para uma pluralidade de modos de agir; uma diversidade de metodologias que, seguindo distintas estratégias, convergem na procura de uma articulação harmoniosa entre o plano teórico, de reflexão, e o plano prático, da acção efectiva, eventualmente percorrida nos dois sentidos; e também uma panóplia de temas e problemas candentes na contemporaneidade, cujas abordagens comuns tendem, por vezes, a condicionar a própria reflexão ética; além de um articulado de relações com saberes plurais, todos eles, afinal, produção do espírito humano, o mesmo espírito que, inquieto, se afadiga no empenho por bem agir.



ÉTICA

DOS FUNDAMENTOS ÀS PRÁTICAS

COORDENAÇÃO
MARIA DO CÉU PATRÃO NEVES

ÉTICA APLICADA 1



70

ÉTICA

**DOS FUNDAMENTOS
ÀS PRÁTICAS**

COORDENAÇÃO
MARIA DO CÉU PATRÃO NEVES

70

Título original:
Ética: Dos Fundamentos às Práticas

© Os autores dos textos e Edições 70, 2016

Capa: FBA

Depósito Legal n.º 417447/16

Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

ÉTICA

Ética : dos fundamentos às práticas / coord.
Maria do Céu Patrão Neves. – (Ética aplicada)
ISBN 978-972-44-1898-8

I – NEVES, Maria do Céu Patrão

CDU 17

Paginação:

MA

Impressão e acabamento:
ARTIPOL - ARTES TIPOGRÁFICAS, LDA.
para
EDIÇÕES 70

1.ª edição: novembro, 2016
abril, 2017

Todos os direitos reservados

EDIÇÕES 70, uma chancela de Edições Almedina, S.A.
Avenida Engenheiro Arantes e Oliveira, n.º 11 – 3.º G – 1900-221 Lisboa / Portugal
e-mail: geral@edicoes70.pt

www.edicoes70.pt

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível
de procedimento judicial.

Índice

Na senda da inquietude (nota introdutória) <i>Maria do Céu Patrão Neves</i>	11
Um ponto de vista sobre a Filosofia hoje <i>António Manuel Martins</i>	25
A Filosofia no mundo atual <i>Ricardo Vélez Rodríguez</i>	33
I CONCEITOS FUNDAMENTAIS	
A Teoria da Acção <i>Isabel Renaud e Michel Renaud</i>	45
Racionalidade prática <i>Carlos Morujão</i>	63

Conceitos que pensam a acção	
<i>João Cardoso Rosas</i>	83

Ingredientes da vida moral	
<i>Manuel J. do Carmo Ferreira</i>	99

II

CONSTITUIÇÃO DA ORDEM ÉTICA OCIDENTAL

A evolução histórica da Ética	
<i>Michel Renaud</i>	123

La Deliberación como método de la Ética	
<i>Diego Gracia</i>	145

Éticas de Princípios e a Abordagem Particularista	
<i>Pedro Galvão</i>	165

Relativismo Cultural e Universalismo Ético	
<i>Acílio da Silva Estanqueiro Rocha</i>	183

Racionalidade hermenêutica e éticas aplicadas no mundo contemporâneo	
<i>Maria Luísa Portocarrero</i>	211

III

RELAÇÃO DA ÉTICA COM OUTROS SABERES

Ética e Educação	
<i>Maria Pereira Coutinho</i>	225

A Ética no contexto das Ciências Humanas	
<i>Cassiano Reimão</i>	245

A Ética no contexto das Ciências da Natureza	
<i>Maria Manuel Araújo Jorge</i>	263

Ética Geral e Éticas Aplicadas	
<i>José Henrique Silveira de Brito</i>	285

Na senda da inquietude
(nota introdutória)

Maria do Céu Patrão Neves

Universidade dos Açores

Ética: Dos Fundamentos às Práticas fala-nos da inquietude. É uma narrativa do homem perante a sua acção, hesitando, duvidando, questionando, procurando, aspirando, reflectindo, ponderando, deliberando, decidindo... acerca da melhor forma de agir. É uma narrativa acerca da inquietude do homem perante a acção, na tomada de consciência do que faz, na fruição da liberdade do que quer fazer, na assunção da responsabilidade do que fez ou deixou por fazer. Uma inquietude perante um agir que ora fica aquém do pensar, ora se precipita em o ultrapassar, e sempre, em qualquer dos casos, constituindo o seu ser, cinzelando a sua identidade. É uma obra acerca do desconforto que impede o homem de se acomodar no seu agir, acerca do desassossego que impele o homem a agir melhor ou, numa palavra, acerca da inquietude.

E há toda uma longa história, a perder de vista, a montante e a jusante, sobre esta inquietude inerente a uma acção, que não mera reacção, ao acto que tem em si o seu princípio ou

razão de ser, na rejeição de uma determinação extrínseca. Uma história anterior à própria história do homem, que remonta ao processo de hominização, que recupera um tempo difuso em que os instintos, que decidem a sobrevivência dos animais, se começam a esbater e em que o homem que vai emergindo, cada vez mais desamparado de comportamentos espontâneos, mecânicos, estereotipados, se depara com a aventura de traçar o seu próprio rumo. Perdida a segurança de um comportamento pré-estabelecido, necessário e universal, o homem descobre-se entregue a si próprio sem poder recusar optar pela sua acção, agora imprevisível, contingente e singular – até porque a não-acção é ainda uma forma de agir.

É neste processo que ganha expressão aquela inquietude, essa preocupação, esse ensejo por bem agir, como invariável antropológica. Manifesta-se como angústia, pela incerteza do que será bom, mas também como impulso, na ponderação do que será o melhor, sem que mesmo o bálsamo da convicção de bem agir a possa exaurir na inevitabilidade de novas situações, na impreteribilidade de novas opções, na implacabilidade de novas consequências...

A jusante, a inquietude projecta-se infinita... Quanto mais rasgada a liberdade que vamos conquistando no seio de sociedades democráticas pluralistas e em relação a todos os géneros de condicionalismos, internos e externos, por via do conhecimento como pelo domínio de técnicas, tanto mais se multiplicam as variáveis e as possibilidades de acção, tanto mais se complexifica o processo de tomada de decisão, mas também tanto melhor nos compete agir. Numa inquietude, indelével e indeclinável, que não se esgota... mas que se serena no percurso de reflexão a que obriga e que aqui, em *Ética: dos fundamentos às práticas*, vários autores foram construindo, peça por peça, por princípios e normas, valores e virtudes, deveres e direitos, por teorias e métodos, temas e problemas, relações entre teoria e prática e entre saberes.

O declínio da metafísica e o conseqüente apagamento dos universais éticos, que a fundamentação racional kantiana não logrou assegurar, obrigou ao questionamento da validade da reflexão ética e desencadeou uma crise de valores, terreno fértil para o desenvolvimento de um relativismo moral que, numa tendência hegemónica, apenas logra conduzir a um nihilismo axiológico. A desconfiança em relação a qualquer ponderação ética instala-se ao mesmo tempo que este ambiente intelectual provoca também um afã ímpar na procura de normativas morais a que esta obra procura responder começando por negar a morte anunciada, há já cerca de dois séculos, da Filosofia como da Ética, começando por evidenciar a vitalidade e diversidade de ambas através de uma dupla reflexão sobre a Filosofia *hic et nunc*: uma centrada no pensamento filosófico ocidental, outra evidenciando a diversidade de abordagens a que a Filosofia inspira e as quais vão, afinal, constituindo também o seu desenvolvimento, a sua história e a sua identidade.

Assim, em «Um ponto de vista sobre a Filosofia hoje», António Manuel Martins, sublinhando a fragmentação extrema da filosofia – nomeadamente no que se refere à distinção entre filosofia analítica e filosofia continental e as suas perspectivas sobre a filosofia moral –, questiona a pertinência de a referir no singular, para vir a aconselhar o jovem aprendiz de filosofia a, não obstante dever aprofundar um domínio de especialização, não abdicar de uma visão abrangente dos vários modos de filosofar. Afinal, *a filosofia contemporânea, nas suas diferentes configurações, quando informada, trabalha com textos de toda a tradição filosófica* – um trabalho complexo, afirma o autor, mas também enriquecedor do seu património intangível, afirmaremos nós, legado para o presente e para o futuro do pensar.

O autor brasileiro Ricardo Vélez Rodríguez, em «A Filosofia no mundo atual» conduz-nos a um pensamento filosófico que, adoptando estruturas e categorias da filosofia ocidental, se desenvolve a partir de pensadores sul-americanos os quais

procuram responder a questões das sociedades em que se integram, numa incontornável preocupação moral. A filosofia reveste-se assim de uma assinalável diversidade sociocultural. Entretanto – sublinha o autor – as noções de «totalidade», «integração» e «libertação», que protagonizam os principais problemas da filosofia na América Latina, não deixam de se reportar à tríade dos ideais da Revolução Francesa, respectivamente, aos de «igualdade», «fraternidade» e «liberdade», no que acrescentaríamos poder ser perspectivado como um traço da unidade e universalidade da filosofia na sua diversidade e especificidade.

Negada a crise da filosofia contemporânea, garantida a sua vitalidade particularmente evidenciada por uma filosofia moral importa recuperar a sua genealogia através dos «conceitos fundamentais» que traçam o seu domínio próprio e definem o seu modo particular de trabalhar.

E uma disciplina constitui-se necessariamente a partir da identificação de um objecto de estudo específico e de um método adequado. No caso da Ética, o objecto é a «acção» a cuja explicitação Isabel Renaud e Michel Renaud se dedicam em «A Teoria da Acção»: partindo de Aristóteles, como o primeiro filósofo que a tematiza numa conceptualização que se mantém pertinente, até ao debate contemporâneo que separa uma fenomenologia do sujeito, na sua valorização da relação entre a acção e o agente (numa atenção a aspectos mentais como a intenção), da filosofia analítica na primordialidade atribuída a uma semântica da acção (focada no rigor dos conceitos). E a *teoria da acção* – numa sua ampla concepção – *abre pelo menos seis janelas sobre campos de investigação*, como sejam o: da finitude da acção humana sobretudo no contexto da liberdade; da existência de um «facto primitivo» da acção como possibilitador de todo o agir; da omissão da acção como forma ainda de agir; da acção colectiva na sua multiplicidade de agentes; da constituição de uma trajectória de vida através do encadeamento

das acções; e da finalidade da acção na assunção de um sentido ético.

Uma vez considerado o objecto da ética importa considerar também o seu método de estudo a que Carlos Morujão se dedica em a «Racionalidade prática», evidenciando a especificidade do exercício prático da razão (plano da acção) em relação ao teórico (plano cognitivo) a partir da enunciação de três factores principais: o conjunto de conhecimentos de que se dispõe para se conseguir resolver situações, e o qual não se confunde com um conhecimento especializado; a responsabilidade inerente a toda a acção não apenas na eleição dos fins mas também nos meios implementados; e o tempo acompanhado pela expectativa que os objectivos da acção sejam por esta alcançados. Não enfeitando as emoções ou os desejos, o que torna a acção humana é ser orientada pela razão e *uma acção é racional se resulta de uma escolha de fins desejáveis e de uma deliberação sobre os meios mais eficazes para os atingir (...). A racionalidade de uma escolha traduz-se ainda no facto de alguém reconhecer que orientar a sua acção em função de tais fins constitui uma forma de construir a sua própria identidade de acordo com padrões aceitáveis.*

Impõe-se seguidamente a abordagem dos diferentes «Conceitos que pensam a acção» a que João Cardoso Rosas se aplica apresentando o âmbito e esclarecendo a natureza da «ética» e da «moral» – no que se aproximam e no que se distanciam quando, em alternativa à mais comum sinonímia, se procura distingui-las – e da «religião» e do «direito» – no que se relacionam com a ética, que pode recorrer a fontes de cariz religioso, e no que se mantêm à margem, estando a ética isenta de sanções civis e penais, ainda que não do remorso ou da censura social. Destaca também as noções de «bem» e de «dever», como estruturantes de diferentes racionalidades da acção – uma ética do bem e das virtudes e as éticas do dever –, para se centrar depois nas diferenças entre as perspectivas deontológicas e consequencialistas sobre o dever, respectivamente, mais focadas no

agente e nas suas intenções ou mais focadas nos afectados pelas acções realizadas. Outras orientações da acção humana, como sejam o egoísmo, o contratualismo, o cuidado, são analisadas nos desafios contemporâneos que apresentam; e perspectivas como a axiológica, a ética normativa, a metaética e a ética aplicada são comparativamente identificadas como conceitos hoje comuns no pensar sobre o agir.

Segue-se necessariamente uma reflexão sobre os constituintes ou «Ingredientes da vida moral» desenvolvida por Manuel J. do Carmo Ferreira, que parte da exigência de um critério de orientação prática para mostrar como, ao longo da história da filosofia, se sedimentaram vários conceitos para a justificação racional do que se faz ou se não faz, numa multiplicidade de significados que hoje exige o delineamento do que de essencial representam. Eis o desafio na abordagem a: «princípio», «norma», «máxima», «regra», «preceito», «mandamento» – expressões da «lei moral» no plano ora reflexivo, ora sapiencial, cuja significação, peso moral e inter-relação variam conforme a doutrina considerada; «valor», como critério objectivo de aferição das preferências, sujeito ao debate sobre o estatuto ideal/real dos valores e a sua hierarquização; «virtude», como excelência do agir não menos exigente do que o «dever» e o rigor da sua norma; «direitos», numa reivindicação cada vez mais forte, intensificando o individualismo e a atomização da vida social, eventualmente equilibrados pelo reconhecimento dos «deveres» ou obrigações que assistem a cada um. Mantêm-se em aberto *as mediações entre a recta razão e a singularidade dos actos* – que David Ross aponta –, *entre o exercício da liberdade que (...) não dispensa o ter de decidir por si, insubstituivelmente, sem delegação possível numa autoridade legisladora.*

A riqueza conceptual da ética foi-se construindo ao longo dos séculos, na estruturação de diversas doutrinas e como resposta a diferentes problemas pelo que no nosso percurso «dos fundamentos às práticas» importa passar pelos diferentes

momentos de «Constituição da ordem ética ocidental» – um trabalho sistematizado por Michel Renaud em «A evolução histórica da Ética». Aqui se traça a sucessão dos temas e problemas mais marcantes da reflexão ética os quais, mantendo-se actuais, convidam também a uma sua reinterpretação: o «bem» e a «felicidade» na filosofia grega, protagonizando *uma ética virada para a finalidade (telos) e modelo de uma «ética teleológica»*; a ética teocêntrica na dupla problemática da relação entre *a ética filosófica e a problemática filosófica de Deus* e da relação entre *a fé e a razão filosófica*; a ética racional, segundo Kant e Hegel e *a sua diferente compreensão da liberdade*, respectivamente transcendental e histórica; a corrente utilitarista e *a sua possibilidade de verificação* das consequências da acção, na maximização do bem-estar. E, cada vez mais dentro da contemporaneidade: a revolução da ética nas «filosofias da suspeita», no colocar *em questão o domínio que a subjectividade humana tem sobre si própria*; a orientação analítica anglo-saxónica e o empenho no estudo linguístico dos enunciados morais; a ética da discussão e a procura das condições para um diálogo *sobre os valores éticos e o bem da acção*; a ética da atestação e atestação ética do outro, através de Levinas e de Ricoeur, sempre no reconhecimento do ser humano na sua alteridade. *«Todas as teorias éticas (...) trouxeram um contributo inestimável à humanidade do ser humano.»*

«La Deliberación como método de la Ética» constitui um tema originário, axial e perene da reflexão ética, cujo estudo Diego Gracia faz anteceder de uma clarificação acerca do que é um conflito moral e pela referência aos vários tipos de conflitos, nomeadamente: de factos (que exclui de entre os morais), de valores e de deveres (apenas estes últimos especificamente morais). Esta tríade é retomada no âmbito da deliberação a qual incide, necessária e sucessivamente, sobre os factos, que descrevem a realidade sob apreciação, sobre os valores, que se apresentam em conflito no problema a resolver, e sobre os deveres adstritos aos protagonistas. É neste plano que se desenrola

especificamente a deliberação moral num processo que o autor sistematiza em onze etapas, sendo que a última é a da verificação da consistência da opção realizada através de três provas: da legalidade (a decisão não pode ser ilegal), da divulgação (a decisão deve poder ser justificada publicamente) e do tempo (a mesma decisão seria igualmente tomada se se deixasse passar algum tempo). *Se uma decisão resiste ao confronto com estas três provas, podemos estar razoavelmente seguros de que é prudente.*

Na constituição da ordem ética ocidental contemporânea, a formulação de princípios e o debate em torno dos seus enunciados têm sido axiais. Daí a importância da reflexão de Pedro Galvão sobre as «Éticas de Princípios e a Abordagem Particularista» em que define os princípios éticos na sua generalidade – sublinhando a sua forma universal – e os especifica também nos seus diferentes tipos, nomeadamente, os «deonticos», que determinam o que é certo ou errado, em contraposição aos «axiológicos», que se reportam ao que vale ou não vale intrinsecamente; mas também, no que se refere à sua força, os absolutos – que enunciam obrigações a cumprir sempre, sem admitir exceções – e os *prima facie* – que enunciam obrigações susceptíveis de serem ultrapassadas por outras, em circunstâncias concretas, de determinação superior. Fixa-se depois na caracterização das «éticas de princípios» – de perfil generalista na enunciação de uma multitude de deveres (David Ross), e de perfil consequencialista (utilitarista) ou deontológico, na adopção de um único princípio fundamental (Kant, contratualistas) –, contrapondo-lhes seguidamente uma abordagem particularista que considera que o *bom agente moral* é aquele que, *dispensando o recurso a princípios, consegue avaliar os casos particulares com uma grande «sensibilidade» ao seu contexto e peculiaridades.*

Acílio Estanqueiro Rocha aprofunda a temática do «Relativismo Cultural e Universalismo Ético» que se reconhece hoje de charneira na reflexão ética uma vez que a evocação do relativismo cultural como justificativo de uma panóplia de acções

de moralidade questionável, e por vezes mesmo violadoras dos direitos humanos, instala um relativismo axiológico crónico de que se resvala facilmente para um niilismo de valores. O autor desenvolve esta problemática considerando o confronto entre a justiça como um bem universalizável – bem representada pelo liberalismo, em particular o de John Rawls –, e os bens singulares que não precisam de ser comumente reconhecidos – que os diversos comunitarismos, multiculturalistas, representam. Com efeito, no contexto filosófico originário, esta problemática é analisada a partir das trajectórias plurais dos comunitaristas, que partilham o reconhecimento da importância da comunidade em relação ao indivíduo, e as modelações consensualistas em sociedades multiculturais que procuram precisamente conciliar o princípio da autonomia individual e os valores comunitários, *dos valores próprios de um espaço ou de uma época e, concomitantemente, dos valores universais, (...) já não tanto de «multiculturalismo», mas de «interculturalismo»,* também num progressivo deslocamento da esfera moral para a política.

E percorrendo uma primeira via da transição de uma ética filosófica para as éticas aplicadas, na *necessidade de deixar o mundo da teoria e de dar uma resposta séria a problemas éticos concretos*, Maria Luísa Portocarrero reflecte sobre «Racionalidade hermenêutica e éticas aplicadas no mundo contemporâneo», identificando a filosofia hermenêutica, na linha desenvolvida por Hans-Georg Gadamer e Paul Ricoeur, como a que melhor acompanha ou assiste àquela transição, na sua atenção dedicada à práxis: Gadamer sublinha que a práxis *nada tem a ver com a pura aplicação das teorias e resultados da ciência*; Ricoeur acen-tua a necessidade de *mediação prudente entre a norma e a situação concreta*; e ambos evidenciam que a ética da deliberação, em que as éticas aplicadas de facto consistem, que uma deliberação prudente, não é *nem exclusivamente dedutiva nem indutiva é fundamentalmente hermenêutica (...) mediada, dialogada e razoável.* A sabedoria do juízo prudente, que procede à mediação entre

a universalidade das normas e a singularidade das situações concretas, é de ordem hermenêutica.

Fica assim também aberto o caminho para o aprofundamento da relação da ética com outros saberes na sua intervenção cada vez mais preponderante no mundo contemporâneo. Neste âmbito alargado, destaca-se a relação da ética com a educação, já que *todo o projecto educativo, para ser autêntico, deve corresponder a um projecto ético* – afirma Maria Pereira Coutinho precisamente em «Ética e Educação». A autora considera que, não obstante a problemática da ética remontar já à Grécia antiga de Sófocles e Aristóteles, nunca foi chamada com tanta insistência a intervir em tão diversos domínios como hoje. Tal deve-se sobretudo aos numerosos e complexos problemas que se vivem no plano sociocultural, nomeadamente o da situação de crise da educação, de crise de sentido para o ser humano, exigindo-se, por isso, *uma chamada da ética, convocando à responsabilização todos os saberes e, particularmente, o saber educativo*. A reflexão centra-se então na noção de «educação», destacando a sua intimidade com a cultura – *a educação é reflexo de uma cultura*, nas palavras de Manuel Antunes –, e consubstancializando-a com esta e outras pertinentes evocações filosóficas, e sempre numa referência incontornável a um modelo de homem em que a indissociabilidade entre ética e educação se evidencia: a educação como processo de optimização integral do homem como pessoa.

Destaca-se depois «A Ética no contexto das Ciências Humanas», de Cassiano Reimão, que parte da caracterização da sociedade contemporânea como uma civilização do desejo, individualista, em que domina um hedonismo sem ideologias de referência. *Nesta conjectura, só um sistema coerente de valores éticos pode garantir uma correcta unidade e funcionalidade à vida social*. Urge pois – defende o autor – focar a necessidade e a urgência da presença da ética nas ciências humanas, incitar as ciências humanas a procurarem identificar a sua ética e a desenvolverem-na

no reconhecimento de um outro (sujeito), de uma unidade do homem e de uma comunidade humana, e do primado da autonomia da pessoa e do papel estruturante da intersubjectividade na aferição das presções colectivas. Apenas esta via evitará a redução do homem a um objecto ou produto do conhecimento e privilegiará a sua realização como pessoa. *Sem uma ética humanizante, a ciência e a vida não fazem sentido; e, sem sentido, não há finalidade para os saberes; e, sem uma finalidade, os saberes deixarão de ser sábios e úteis para se tornarem apenas úteis*.

Segue-se «A Ética no contexto das Ciências da Natureza», de Maria Manuel Jorge, em que se traça uma genealogia do relacionamento entre ciência e ética desde o ideal moderno de uma ciência objectiva, factual e, por isso, pura ou livre de quaisquer considerações éticas, valores ou implicações sociais, desde a *ideia de neutralidade moral da ciência* até um presente em que a ética está necessariamente associada ao progresso e inovação científicas, indelével no caso das ciências biológicas, e em que a questão decisiva não é mais se ética e ciência se devem relacionar mas antes a da cronologia dessa relação. Pergunta-se então se a ética tece considerações sobre a ciência feita ou se traça orientações sobre a ciência a fazer. Numa *relação temporal clássica* a ética encontrava-se com a ciência no termo do processo de produção desta, intervindo então não com o investigador mas com a sociedade; numa *relação temporal actual* o tempo de entrada da ética altera-se e, em vários domínios, particularmente no das ciências da vida, procura-se *um acompanhamento ético, sincronizado com cada passo da investigação e sua relação com a sociedade* permitindo *assim mecanismos internos de ajustamento*.

Por fim, «Ética Geral e Éticas Aplicadas», de José Henrique Silveira de Brito, estabelece a transição entre a presente obra Ética: dos fundamentos às práticas, eminentemente filosófica, no respeito pela ética como disciplina filosófica que é, e os demais volumes desta colecção dedicada à Ética Aplicada. Assim, uma vez justificadas as normas morais que nos orientam,

por uma «ética anterior» ou fundamental – na designação de Paul Ricoeur –, importa avançar para uma «ética posterior», ou de aplicação da anterior, a situações concretas sempre singulares, o que coloca dificuldades complexas e exige uma metodologia adequada. O autor, apoiando-se em Adela Cortina, enuncia então quatro métodos essenciais: o da casuística I, *dominada pelo ideal dedutivo*, de aplicação dos princípios éticos universais às situações concretas singulares; o da casuística II, *uma proposta indutiva* e procedimental que, na afirmação da preponderância de um pluralismo, investe na construção de consensos; o de Apel que, através da dimensão comunicativa característica da prática democrática, procura estabelecer uma ética dos mínimos; por fim, o modelo da própria Cortina, da ética aplicada como hermenêutica crítica que, reconhecendo a existência de um princípio universal o procura modelar na atenção às especificidades de cada domínio como, afinal, se vai também desenvolvendo a presente publicação.

Ética: dos Fundamentos às Práticas é o primeiro volume da colecção *Ética Aplicada* a qual se estende a 11 domínios de diferente natureza académico-científica e socioprofissional, no reconhecimento de que cada um coloca problemas específicos mas cuja abordagem de todos eles remete para um mesmo universo axiológico de inteligibilidade da acção.

Eis por que *Ética: dos Fundamentos às Práticas* apresenta: um amplo, rigoroso e sólido núcleo de conceitos, que estabelece uma terminologia comum e adequada ao estudo da acção; um conjunto de teorias diferentemente estruturadas, enquadrando diferentes perspectivas e partindo ou visando diferentes intencionalidades ou princípios, que oferecem sistemas explicativos unitários e coerentes para uma pluralidade de modos de agir; uma diversidade de metodologias que, seguindo distintas estratégias, convergem na procura de uma harmoniosa articulação entre o plano teórico, de reflexão, e plano prático, da acção

efectiva, eventualmente percorrida nos dois sentidos; e também uma panóplia de temas e problemas candentes na contemporaneidade cujas abordagens comuns tendem, por vezes, a condicionar a própria reflexão ética; além de um articulado de relações com saberes plurais, todos eles, afinal, produção do espírito humano, o mesmo espírito que, inquieto, se afadiga no empenho por bem agir...

É esta sintonia entre um quadro teórico de inteligibilidade e uma prática cada vez mais diversificada, que almeja uma finalidade e sentido superiores ao imediatismo luxado do quotidiano, que se prolonga deste primeiro volume de *Ética Aplicada* aos destacados domínios da actividade profissional, social, de cidadania, privilegiados nos demais volumes. Por isso, *Ética: dos Fundamentos às Práticas* é um livro que acompanha – contextualizando, explicitando e complementando – a leitura dos 11 volumes que introduz, não deixando de ser uma obra completa no seu desiderato de disponibilização de um quadro teórico, amplo e diversificado, para reflectir sobre a acção humana no mundo de hoje.